

Novos modos de aprender

Um mundo único, uma espécie de bolha: para alguns, assim se pode definir a época do colégio. A transição para o ambiente universitário, portanto, tende a ser impactante. Novos hábitos de estudo e de deslocamento são exigidos. A adaptação a outros contornos nem sempre é fácil e, conseqüentemente, dificuldades surgem. Mariana Gemelli, aluna do 4.º semestre de Enfermagem da UFRGS, viu sua rotina transformada quando passou no vestibular. A bolha em que vivia estourou. Antes estava acostumada com sua mãe a levando e buscando da escola. “É um mundinho perfeito, só nosso. Quando tu entras na faculdade, precisas lidar com várias situações e te tornar independente”, conta.

A escolha por fazer Enfermagem remete à sua infância: “Quando era pequena, fiquei internada, e quem mais cuidou de mim foram os enfermeiros. Lembrou-me do rosto deles e de como me ajudaram a me sentir melhor. Estavam sempre brincando, oferecendo desenhos para colorir”. Para ela, foi um choque entrar na

UFRGS com apenas 17 anos. Sair da escola representou uma dinâmica que exigiu mais concentração fora da aula, algo que não estava acostumada a fazer. Antes, os professores davam todo o conteúdo necessário em sala, o que mudou na universidade. “Podia ficar só com a matéria que davam, mas agora não, preciso correr atrás. Procurei artigos e livros, o que antes não fazia. No colégio, podia procrastinar e ler o que davam no dia anterior à prova”, comenta. A mudança foi de tal forma complicada que Mariana desenvolveu crises de pânico no começo, pois não sabia se estava preparada para lidar com os novos métodos de estudo e com o fato de ter de se locomover sozinha para chegar à Universidade.

Esse conflito é comum a vários calouros. Adequar-se a uma realidade distinta daquela a que se está familiarizado pode gerar incertezas. Alessandra Blando, pedagoga do Núcleo de Atendimento ao Estudante da UFRGS, o NAE, desenvolve atividades relacionadas à aprendizagem em oficinas de aconselhamento. A ideia de que a universidade é uma extensão da escola, se-

gundo a especialista, é um dos principais problemas enfrentados, porque a graduação exige maior autonomia e gerenciamento do tempo. “Isso tudo dá um susto. Quando o aluno entra, acha que continuará a cumprir tarefas e não consegue se organizar. Estuda da mesma forma como fazia no colégio, sem perceber que agora são disciplinas ministradas de um jeito bastante diferente, sem que haja apenas um modo de aprender”, elucida.

Ingressar no ensino superior representa mais um rito de passagem que marca um importante momento na vida dos estudantes. Para Alessandra, é fundamental compreender esse processo: “Entender as rotinas, a cultura de cada curso e achar uma estratégia que funcione é essencial. Administrar o tempo é outro fator necessário”. Descobrir o próprio método é difícil; quando se consegue, entretanto, isso faz com que o aluno tenha certeza do que quer e saiba como alcançar seus objetivos. É um rito que possibilita a saída de um ciclo fechado para interesses que eram inimigáveis.

Cada um encontra o seu jeito

Cilas Machado, com frequência, está com os olhos mergulhados em algum texto, seja no intervalo entre as aulas, seja dentro do transporte público.

Desde o ensino médio conciliando estudos e trabalho, encontrou dificuldades para ingressar na Universidade. Além disso, ele vinha de uma escola pública e tinha a impressão de que não estava preparado o suficiente para fazer a prova do vestibular. Ainda por cima, não tinha certeza que carreira que pretendia seguir.

Após algumas reflexões e conversas com a família, Cilas decidiu ingressar em Administração. Depois de dois anos, conheceu o currículo da graduação em Administração Pública e Social e estreitou os laços com os colegas. Foi então que teve certeza de que era isso que queria seguir e resolveu trocar de curso. Atualmente, está no nono semestre e, quando se formar, será o primeiro de seu núcleo familiar a ter um diploma universitário.

“Quando entrei na UFRGS, percebi que estudar ia muito além de apenas ler. Eu tinha de resumir os textos, compreender os argumentos, refletir criticamente e saber problematizar as ideias para poder

avançar”, relata o estudante, que aprendeu a reconhecer os métodos de que se utiliza. Ler muito, fazer fichamentos, resumos, explicar o texto para si mesmo em voz alta e estudar de madrugada são os principais recursos que encontra para lidar com a demanda, ainda mais para quem tem como objetivo seguir na área acadêmica – ele planeja fazer mestrado em Administração ou talvez uma segunda graduação.

No dia a dia, cultiva o hábito de estudar durante o trajeto de ônibus entre sua casa, no

que precisa de dedicação e concentração e, por isso, nem sempre ler no ônibus é a melhor solução.

Aliando a vida profissional e acadêmica à participação nos movimentos estudantil e negro, o jovem ainda arranja tempo para dar aulas de Sociologia em um cursinho popular no bairro onde reside. Por conta de seu engajamento em iniciativas de combate às desigualdades e ao preconceito, percebe o quanto boa parte da sociedade costuma exigir dos negros e das pessoas de classes sociais mais baixas antes mes-



ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM

bairro restinga, e o prédio da Escola de Administração, que dura uma hora. Contudo, é em seu quarto que Cilas encontra um ambiente adequado para os estudos e para fazer algumas leituras. Ele explica

mo de reconhecer a extensão do esforço que empregam para atingir seus objetivos. Apesar disso, diz que sempre se sentiu motivado pela família, razão pela qual mantém intensa dedicação aos estudos.

Para **Gabriela e Julio Veiga**, estudar sempre foi uma atividade entre irmãos. A madrugada é o momento em que os dois se encontram para fazer seus trabalhos, ler e colocar os estudos em dia. Sentado à escrivaninha, Julio lê suas anotações de aula, enquanto consulta informações na legislação e escreve notas no caderno e em blocos adesivos. Alternando entre a cama, a escrivaninha e o sofá, Gabriela lê artigos e livros, escreve matérias e reportagens, degrava entrevistas e faz anotações.

Apesar das diferenças em suas maneiras de estudar, os campos de interesses no estudo sempre os uniram. Enquanto ainda estavam no colégio, entre aulas e atividades extracurriculares, Gabi e Julio faziam parte do Clube de Relações Internacionais, em que organizavam e participavam de simulações de debates das Nações Unidas. “O primeiro país que representei foi a Indonésia, do qual Julio já tinha sido representante. Então ele chegou com uma pasta enorme cheia de materiais que ele havia coletado no Consulado daquele país, sentou ao meu lado e me ensinou como estudar para representar uma nação”, narra Gabriela.

Foi a partir dessa experiência que Julio descobriu seu interesse pelas Ciências Jurídicas e Sociais e acabou

ingressando no curso em 2014. A Faculdade de Direito da UFRGS se mostrou muito mais difícil do que ele esperava. “Foi um grande impacto sair do ensino médio e já ter que me habituar a uma linguagem totalmente diferente para conseguir entender todo esse mundo do Direito”, relata Julio. Tornar-se bolsista de iniciação científica logo no primeiro semestre foi uma das maneiras que encontrou para conseguir compreender melhor o raciocínio acadêmico e jurídico. Em 2015 e 2016 foi a vez da Gabriela se tornar estudante de

que ocorre na ESPM, era preciso apresentar um projeto de pesquisa contendo introdução ao tema, metodologia, cronograma. Por já ter tido essa experiência, quem a ajudou na elaboração do projeto foi o irmão.

“Toda a vez que o Julio vai participar do Salão de Iniciação Científica da UFRGS (SIC), ele apresenta primeiro para mim, e eu faço alguns apontamentos. Em 2017, foi a minha vez de apresentar, e o processo foi o mesmo”, conta Gabriela. Desde a primeira participação do Julio no SIC,



FLAVIO DURÃO/JU

Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e de Letras da UFRGS. A dificuldade de estudar para duas faculdades foi atenuada quando Gabriela começou a pesquisar sobre jornalismo literário. Ela conta que, durante o processo seletivo para bolsa de iniciação científica

em 2014, ela é responsável por fazer os slides e o banner do trabalho. A pesquisa acadêmica se tornou, então, uma atividade não só de ajuda mútua, mas também geradora de discussões. “Esse diálogo entre nós vai evoluindo, e isso acaba resultando na melhora da pesquisa também”, avalia Julio.

Quem vê **Wendell da Rosa**, estudante do Bacharelado em Música, andando pelo Centro Histórico da capital e pegando trem em Esteio com seu contrabaixo acústico, já consegue imaginar a dedicação que ele tem à música. A paixão pelo instrumento começou aos 14 anos, quando assistia quietinho às aulas de guitarra que seu pai lecionava. “Um dia, meu pai deu um exercício, e todo mundo teve dificuldade para fazer. Então pensei: talvez eu consiga. Vamos tentar!”, narra o contrabaixista. Sem muita fé, ele conta que seu pai deixou que ele tentasse e, no final, acabou se surpreendendo. Desde aquele momento, Wendell passou a estudar em casa guitarra e contrabaixo elétrico, até que um dia decidiu ir a uma aula gratuita de música na Casa de Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre. “Quando cheguei na sala, tinha um contrabaixo acústico. Falei para o professor que eu queria estudar aquele instrumento e desde então não parei mais.”

Tempo depois, ingressou em um projeto social de música para adolescentes em Esteio. Ali teve seu primeiro contato com a música de concerto, o que abriu caminho para que fizesse parte do conservatório da Orquestra Sinfônica de Porto

Alegre (OSPA) e da Orquestra Jovem do Rio Grande do Sul.

A música, que já fazia parte de seu dia a dia, passou a ser também o seu futuro. Aos 18 anos, ingressou no Instituto de Artes da UFRGS. “Aprender a estudar música foi uma grande dificuldade quando entrei na Universidade”, relembra Wendell. E explica: “Eu só estudava contrabaixo, então,

após chegar em casa, Wendell exercita das 20 às 22h para não incomodar os vizinhos. Essas duas horas de estudo variam conforme o tempo disponível, mas não tem um dia em que o contrabaixista não pratique um pouco.

Sua paixão pela música cruzou o continente em janeiro após conquistar uma bolsa de estudos para a Universidade de



ISAÍAS MATTOS/ARQUIVO PESSOAL

não tinha uma demanda tão alta de outras áreas da música, nem mesmo do próprio instrumento”. Para isso, foi preciso otimizar as horas de estudo. Ele explica que o ideal seria estudar contrabaixo durante seis horas todos os dias, mas que, por cursar sete disciplinas, trabalhar como bolsista e participar de outros projetos, teve que aprender a ter foco para estudar em menos tempo. Diariamente,

Georgia, nos Estados Unidos, por meio do concurso realizado no 32.º Festival Internacional de Inverno da Universidade de Santa Maria. Ele conta que deseja um dia poder colaborar com projetos sociais de ensino de música, tocar em orquestras, fazer composições e nunca parar de estudar. “Música é um aprendizado muito complexo, que exige dedicação durante toda a vida”, salienta.

Patrick Veiga decidiu que queria cursar História quando estava na 7.ª série do ensino fundamental na Escola Municipal Liberato Salzano Vieira, zona norte da capital. A originalidade das propostas trazidas pelo professor daquele ano o impactou de tal forma que passou a dizer que, se um dia fosse docente, seria como ele. O ensino médio cursou à noite na mesma instituição – durante o dia trabalhava – e ingressou na Licenciatura em História logo na sequência, em 2015.

Na entrada, sofreu um impacto tão grande que, após o primeiro semestre, decidiu trancar a matrícula por um ano. Um dos motivos para isso foi o fato de não ter conseguido acompanhar as disciplinas. “Não é a mesma coisa que o estudo na escola. A cobrança na universidade é muito diferente”, comenta.

A princípio, achou que o curso não era exatamente o que esperava: trancou, mas logo retomou. Em seguida, começou a atuar numa bolsa de extensão no Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da Pró-reitoria de Extensão: realiza discussões sobre ações afirmativas em escolas. Isso proporcionou uma vivência maior dentro da Universidade e fez com que decidisse seguir na História. “Inclusive, o meu rendimento aumentou muito. Foi o semestre em que mais fiz

disciplinas e fui aprovado em todas com conceito máximo. Depois do impacto inicial, a gente atinge certa maturidade intelectual e o curso flui melhor”, observa.

Após os percalços da largada, Patrick passou a desenvolver intuitivamente uma autodisciplina para adequar o curso à sua rotina. Hoje no 6.º semestre, faz estágio pela manhã, participa de projeto de extensão à tarde e cursa a graduação à noite. Para acom-

depois”, explica.

Atualmente, adota um método de estudo com duas estratégias: tem sempre uma folha em branco para fazer esquemas e anotações; depois, elabora uma resenha – método que aprendeu com um professor da graduação – em que constam as principais obras do autor, a tese e ao menos três argumentos em ordem de importância, além de trechos do texto em que apareça a defesa dos argumentos.



ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM

panhar a carga de leitura do curso de História (por volta de 100 páginas por aula), usa três tardes da semana, além de sábados e domingos, para estudar. Além disso, passou a consultar os programas das disciplinas do período seguinte para adiantar leituras durante as férias. “Geralmente, entro no semestre com pelo menos um mês de leituras adiantado, porque sei que vou atrasar

Gosta de estudar na Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanas se precisa de um lugar mais reservado para fazer a leitura individual. Quando está em grupo, prefere a biblioteca do Instituto Latino-americano de Estudos Avançados. “O pessoal vai para lá, discute os textos e identifica pontos que não percebeu como relevantes em sua leitura. É um espaço bom de discussão.”

Quando **Mariana Gemelli** iniciou o primeiro semestre na universidade, se viu diante de um desafio bastante comum para quem saiu há pouco do ensino médio: levou um tempo para conseguir entender como tudo funciona no cotidiano da faculdade, especialmente do curso. O primeiro semestre foi, para a então ingressante em Enfermagem em 2016 e que tinha à época 17 anos de idade, muito mais do que uma iniciação às matérias e à vida acadêmica, foi uma introdução à vida adulta. Estava acostumada com a rotina pontual do colégio, com aulas todos os dias pela manhã, carona dos pais para ir e voltar para casa, onde passava as tardes livres. Mariana diz ter levado um tempo para conseguir se adaptar aos horários irregulares e às idas e vindas de um câmpus a outro. “Eu passei por vários momentos em que pensava: ‘será que eu quero mesmo estar aqui?’”, relembra.

A estudante de Enfermagem teve de aprender não só a se tornar mais independente, como também a estudar. Ela conta que sempre teve muita facilidade na escola. Prestar atenção nas aulas e dar uma revisada um dia

antes das provas astavam. “Essa transição demorou um pouco. Tropecei em algumas provas até perceber que eu tinha que fazer mais do que só assistir às aulas e olhar os slides.” Pedir ao professor



FLAVIO DUTRA/JU

a bibliografia utilizada, ir atrás de livros e artigos na biblioteca e sentar para estudar foram hábitos que foi adquirindo com o decorrer dos longos primeiros meses. “Eu percebi o quão importante era estudar para valer, porque vou precisar disso no futuro. Isso vai fazer diferença para mim e para os meus pacientes”, avalia. Os intervalos entre uma aula e outra, os deslocamentos de ônibus e algumas horas que sobram quando chega em casa são os momentos em que a futura enfermeira estu-

da. Antes disso, ela diz que, para não perder tempo, organiza na agenda as disciplinas para as quais irá estudar e os livros que vai ler. Por ter uma memória mais visual, procura assistir a vídeos,

olhar imagens, fazer resumos coloridos e sublinhar os textos com marcador.

Hoje Mariana é bolsista no Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto (ELSA) no Hospital de Clínicas. Ela teve de aprender a se organizar, ainda mais para conseguir aliar trabalho e estudo sem deixar de dormir. “Trabalhar com mestrandos e doutorandos me ajudou muito com os estudos. Eu olho para eles e penso: ‘eu quero isso para mim’. Então, para chegar lá, tenho que construir agora”, projeta.

Lucas Etcheverria ingressou em 2013 em Engenharia Elétrica com apenas 17 anos. Alcançou o seu objetivo de se formar em cinco anos. Foi necessário, contudo, organização e apoio dos amigos e familiares para que os problemas emocionais e os momentos de lazer não interferissem na aprendizagem. “Todo mundo se assusta na primeira prova. Aprendi que precisava me planejar”, relata. O curso pode ser dividido entre teoria, nos primeiros semestres, e prática, nos últimos. Listas de exercícios e livros didáticos com várias páginas caracterizam as disciplinas iniciais, assim como idas à biblioteca da Engenharia. Como as atividades de avaliação são individuais nesse período, Lucas estudava normalmente sozinho em seu quarto. Precisava arrumar a bagunça porque se desconcentra com objetos fora do lugar. “Era necessário ser bem mecânico no começo. São várias listas de cálculo para fixar na cabeça. Tinha de sentar, me concentrar, deixar o celular desligado e ajeitar os materiais na mesa em que estudo. Fiz sempre resumos porque são várias fórmulas para lembrar”, comenta.

Para aguentar o ritmo puxado, Lucas diz ser essencial fazer uma pausa. Intercala os estudos com o piano e com vídeos no Youtube, mas ressalta

que é importante controlar o tempo dessas atividades para não dispersar e desistir de aprender. Os estudantes de Engenharia Elétrica compartilham on-line resumos, exercícios resolvidos e provas de outros anos, algo que ajuda muito no desempenho. “É importante conhecer as pessoas e ter contatos, principalmente quando as atividades começam a ser em grupo. Consegui estágio em uma empresa porque fui indicado por um colega com quem fiz um trabalho”, exemplifica. Por semestre, fez em média



FLAVIO DUTRA/JU

de 30 a 34 créditos e se organizou melhor conciliando os estudos com o emprego, pois antes achava que tinha muito tempo livre e deixava para estudar na última hora. “Foi uma obrigação ter horário definido. Fiquei preocupado desde quando comecei a trabalhar, no 5.º semestre. O

principal é saber se tu preferes lidar com pouca carga ou se tu precisas ter muita coisa para fazer. No meu caso, me atrasava quando eram menos responsabilidades.”

Segundo Lucas, a quantidade de conteúdo e a forma como alguns professores conduzem a disciplina são problemas. “Falta didática; não são dadas as ferramentas necessárias para a gente. É basicamente um teste para ver quem se vira sozinho.” Ele considera que a UFRGS exige dedicação e, principalmente, que o aluno não desista. Isso

foi uma mudança na transição do colégio para a faculdade, já que a cobrança aumentou. “Surgiu, na graduação, uma necessidade de estudar diferente da que acontecia no ensino médio, quando dava para ser aprovado sem precisar preparação para as provas”, conclui.

Jessica Kaigang, indígena e estudante do décimo semestre do curso de Odontologia, tem a sensação de que vive em um tempo diferente do dos alunos não índios. Vinda de uma realidade familiar singular e tendo estudado sempre em escolas públicas na periferia de São Paulo, onde morava, ela precisou buscar formas de se adaptar ao ambiente universitário, no qual ingressou quando contava 18 anos. “Tive algumas dificuldades iniciais, como ficar longe de casa, superar a timidez para me relacionar com os outros, enfrentar o individualismo por parte de algumas pessoas. Aos poucos fui me adaptando, mas sem me deixar moldar, sem perder a minha essência”, argumenta.

No curso, o primeiro choque de Jessica foram as dificuldades que teve com os conteúdos, o que provocou situações de repetência nos três primeiros semestres. “Percebi que a forma como eu estudava não estava certa, pois só lendo eu não conseguia fixar o conhecimento, então comecei a fazer resumos e retomar minhas anotações, sempre me preparando com antecedência para as provas”, salienta. Contudo, o que foi decisivo para que ela encontrasse o rumo

no curso foi a ajuda de Luísa Lapenta da Cunha – colega do mesmo semestre –, que se tornou sua monitora e passou a acompanhá-la, dando o suporte necessário para que tivesse um bom aproveitamento nas disciplinas. Hoje, o que as mantém unidas é o laço de amizade que desenvolveram, já que o direito a monitoria concedido aos estudantes



GUSTAVO DIEHL/SECON

indígenas se extingue quando completam 60% do curso.

Para se dedicar às leituras, Jéssica costuma se acomodar pelos corredores do prédio da Faculdade de Odontologia ou no diretório acadêmico. Quando está na casa do estudante, local em que reside, prefere utilizar a sala de informática reservada aos estudantes indígenas. No caso dos procedimentos práticos, a es-

tudante diz que sempre revisa o conteúdo teórico antes dos atendimentos, além de buscar a orientação dos professores.

Afora o desafio referente aos estudos, que conseguiu equacionar com o tempo, outra barreira que Jessica encontrou foi o alto custo imposto pela compra de materiais. No início, não sabia se iria conseguir cursar as disciplinas

que contavam com grandes listas de insumos. Para isso, foi essencial o auxílio da bolsa permanência a que têm direito os indígenas. Um complemento à renda veio também com a participação em uma bolsa de extensão no projeto *Ação integradora da universidade em educação e saúde*, iniciativa interdisciplinar que promove mutirões de saúde em uma comunidade de Viamão.

João Henrique Jung acredita que uma de suas maiores dificuldades foi conseguir encontrar um método de estudo que o ajudasse não só a tirar boas notas, mas a fixar o conteúdo estudado. Por muito tempo, essa foi uma questão que incomodou o estudante de Ciências Sociais da UFRGS e bacharel em Relações Internacionais pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Para atingir eficiência nos estudos nas duas faculdades que cursava consecutivamente precisou de muita organização e foco. João chama seu método de “estudo de dupla filtragem”.

“Eu começo fazendo um fichamento. Então, enquanto eu vou lendo, vou escrevendo as ideias em forma de tópicos no caderno. Depois, pego essas ideias e começo a ligá-las num quadro branco que eu tenho no meu quarto. Por último, como a minha letra é muito feia, digito no computador o que está no caderno”, descreve. Por mais que esteja fazendo duas vezes o mesmo processo, ele garante que essa é uma forma de reforçar a matéria. Tudo isso é feito enquanto escuta música clássica ou instrumental em seus fones de ouvido – um jeito que encontrou para manter a

atenção focada.

Estudar nem sempre foi um hábito para João. “Eu era um aluno horrível no colégio!”, lembra entre risadas. E confessa: “Desde



FLAVIO DUTRA/JU

a quinta série pegava essa leitura associada ao seu recuperação”. Ele conta que não gostava de estudar o que era passado pelos professores; queria somente ler o que lhe interessava. Ficar circulando pelas estantes da biblioteca em busca de algo que lhe chamasse a atenção sempre foi um hábito do estudante, que diz ser um leitor apaixonado. O costume de retirar livros fez com que nunca gostasse de tirar cópia dos textos, o que é um hábito muito comum entre os universitários. “Eu pego o livro, vejo o sumário, como são as folhas, se a letra é grande, e faço um cálculo de quantas páginas por dia vou ler. Geralmente é uma média

entre 30 a 50, dependendo do livro. Então, todos os dias, pelo menos isso eu leio”, conta. De domingo a domingo, João separa pelo menos três horas para fazer

Atualmente, além de cursar Ciências Sociais, João se prepara para ingressar no mestrado, faz pesquisa para o Instituto Sul-americano de Política e Estratégia (ISAPE) e ainda estuda para concursos, como o de admissão à carreira diplomática. A estratégia dele para conseguir dar conta de tudo isso é tentar correlacionar ao máximo os conteúdos. “A grande questão é se organizar”, ressalta.

